

Sarney acredita que agora há um Governo do Partido

Porto Alegre — O coordenador do Partido Democrático Social, Senador José Sarney, classificou, ontem, a fundação do PDS como "o início de uma nova etapa em nossa vida política, em que acaba a dicotomia entre Governo e Partido, e deixamos de ser um Partido do Governo para nos transformarmos num Governo do Partido".

Ele considera que os ex-arenistas perderão o condicionamento de obedecer mais que reivindicar, argumentando que "a realidade política é extremamente dinâmica, e em cada etapa nós temos um determinado comportamento. Nós vivemos uma época de exceção, mas ela acabou. Agora estamos voltados para o futuro, não ficamos presos a ressentimentos do passado porque isso não leva a nada".

Solidariedade

O Senador maranhense disse, em entrevista no Palácio Piratini, que "a incorporação de todo o Executivo ao PDS significa que o Partido está no Governo, que o Governo passa a ser solidário com seu Partido e com uma filosofia política, que é a democracia social, assumindo compromisso de cumprimento desse programa".

Para o Sr José Sarney, "é preciso diferenciar inteiramente a situação da Arena da do PDS. A Arena cumpriu com seu dever, não era um Partido, mas uma agremiação transitória, para existir durante a fase de transição e exceção da vida pública brasileira. Agora nós estamos ingressando numa nova fase, numa oportunidade extraordinária da nossa história de formarmos novos Partidos, em que o país espera por grandes mudanças. E todo o nosso esforço está sendo feito para construir um Partido moderno, que tenha doutrina, um conjunto de lideranças, uma grande organização, que possa operar a democracia no Brasil".

Ele ressaltou que os políticos, neste momento, passam a "afirmar que pensamos desta ou daquela maneira, que nossas propostas são estas ou aquelas". "A submissão da extinta Arena ao Executivo deixará de existir", acrescentou, porque "a nossa capacidade de homens públicos neste momento é podermos olhar caminhos, não dar meia-volta, construir alguma coisa nova para o

Brasil, pois disto vai depender a força das instituições políticas".

Eleições diretas

Relacionando a criação dos novos Partidos com a descentralização do poder, o Senador José Sarney afirmou que o restabelecimento das eleições diretas para Governador em março, através da emenda do Deputado Edison Lobão, será decidida pelo Congresso, em sua soberania, encontrando-se uma solução num processo normal de negociação. Nós temos que eliminar esta mentalidade que está condicionado a todos nós, de esperar uma decisão autoritária do Governo".

Considera que a aprovação de emenda constitucional restabelecendo eleições diretas é "uma mera formalidade, de vez que elas estão definidas". Mas tem dúvidas quanto a oportunidade desta iniciativa em 1980: "Se nós votarmos a emenda agora, será que estaremos ajudando a consolidação dos Partidos, num momento em que estamos começando a organizá-los, com o compromisso de os fazermos fortes para sustentar a nossa democracia? Será que não estaremos tumultuando, prejudicando o processo de abertura, pelo atropelamento de etapas?"

Embora evitando dar opinião pessoal sobre a questão — "pois não posso emití-la como coordenador do Partido" — o Senador José Sarney ressaltou que "a deflagração de campanhas para os Governos estaduais, este ano, poderá ser um desserviço ao processo de normalização política. É cedo para pensarmos em candidaturas. Nós, homens públicos responsáveis por este processo, depois de alguns anos de regime de exceção devemos nos dedicar com o maior esforço e idealismo à construção da democracia. E sendo assim até os que forem candidatos prestarão o maior serviço ao país e às suas próprias candidaturas se se dedicarem, neste momento, à consolidação dos seus Partidos."

Acrescentou desconhecer o início de negociações do Governo com os políticos, no sentido de rejeitar a Emenda Lobão, mas ressaltou que "a política é a arte da negociação. Esta é uma teoria que se aplica em qualquer situação".